

PEREIRA, M. C. P. Pensando a tradução intralingual para tradutores e intérpretes de línguas de sinais: considerações iniciais. *ReVEL*, edição especial, v. 21, n. 20, 2023. [www.revel.inf.br]

PENSANDO A TRADUÇÃO INTRALINGUAL PARA TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUAS DE SINAIS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Maria Cristina Pires Pereira¹

mcppufrgs@gmail.com

RESUMO: Devido à pouca atenção que a tradução intralingual tem recebido nos meios acadêmicos e, de modo especial, nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) (SOUZA, 2010; RODRIGUES; BEER, 2015), partindo de uma pesquisa maior, este recorte busca apresentar as reflexões iniciais tendo como mote a questão “Em que situações no âmbito profissional dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais (Tils) é possível identificar a tradução intralingual na língua portuguesa escrita e como podemos iniciar uma reflexão sobre exercícios para preparar os futuros profissionais para este tipo de atuação?”. Primeiramente, procuro localizar os leitores sobre a definição tradicional da tradução intralingual e o desenvolvimento de novas possibilidades. Em seguida, demonstro situações em que este tipo de tradução ocorre em nossa profissão e suas relações com o conhecimento já estabelecido nos Estudos da Tradução. Finaliza o artigo o relato dos primeiros exercícios que apliquei pensados especificamente para desenvolver a consciência da tradução intralingual e sua importância. É possível concluir que existe um vasto campo de conhecimento inserido na tradução intralingual, ainda não explorado nos ETILS, como as possibilidades que a variedade surda de escrita da língua portuguesa oferece na tradução e um necessário esforço para que exercícios específicos, visando a tradução intralingual, sejam desenvolvidos e aplicados na formação dos futuros profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; interpretação; intralingual; línguas de sinais.

ABSTRACT: Due to the little attention that intralingual translation has received in academic circles and, especially, in Sign Language Translation and Interpretation Studies (ETILS) (SOUZA, 2010; RODRIGUES; BEER, 2015), based on a larger research, this article seeks to present the initial reflections based on the question “In what situations in the professional context of sign language translators and interpreters (Tils) is it possible to identify intralingual translation in written Portuguese and how can we begin a reflection on exercises to prepare future professionals for this type of work?” Firstly, I seek to introduce the traditional definition of intralingual translation and the

¹ Doutora em Estudos da Tradução; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

development of new possibilities. Next, I demonstrate situations in which this type of translation occurs in our profession and its relationships with the knowledge already established in Translation Studies. The article ends with an account of the first exercises I applied designed specifically to develop awareness of intralingual translation and its importance. It is possible to conclude that there is a vast field of knowledge inserted in intralingual translation, not yet explored in ETILS, such as the possibilities that the deaf variety that written Portuguese offers in translation and a necessary effort so that specific exercises, aimed at intralingual translation, be developed and applied in the training of future professionals.

KEYWORDS: translation; interpreting, intralingual; sign languages.

Introdução

A preocupação com uma linguagem que atingisse o maior número de pessoas sempre esteve presente na minha vida. O cuidado com a compreensibilidade linguística era fator inseparável de minha prática profissional desde quando exercia a função de tradutora e intérprete de línguas de sinais (Tils), já que a provável barreira que a língua portuguesa (LP) pode ser aos surdos, que possuem a língua de sinais brasileira (Libras) como L1, é uma consciência constante na profissão. Não só a LP funciona como uma L2, como existem as dificuldades causadas por línguas de modalidades diferentes, vocal-auditiva e gesto-visual, estarem em contato. Mais tarde, quando iniciei minha formação especializada, mestrado e doutorado, me foi dito que um texto de pós-graduação é escrito somente para nossos pares. Esta afirmação sempre foi problemática para mim, pois apesar de reconhecer que um texto especializado tem características dirigidas a leitores bem específicos, me questionava se não era possível torná-lo um pouco mais acessível a um público maior.

Atualmente, já como docente, pesquisadora e formadora de futuros Tils, tenho refletido muito sobre a importância da tradução intralingual (JAKOBSON, 1995), aquela que ocorre dentro de signos verbais da mesma língua, nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) (SOUZA, 2010; RODRIGUES; BEER, 2015), meu campo disciplinar de atuação.

Na falta de material de base nos ETILS, busquei em obras sobre tradução e interpretação de línguas vocais, onde é possível detectar um crescimento, mesmo que modesto, de investigações sobre a tradução intralingual e que têm tido desdobramentos como: acessibilidade textual e terminológica (ATT) (FINATTO; EVERS; STEFANI, 2016; FINATTO, 2020; FINATTO; PARAGUASSU, 2022), linguagem acessível, linguagem simples, tradução especializada acessível

(PARAGUASSU, 2018), entre outros. Como exemplos, é possível mencionar traduções que envolvam:

- Documentos médicos ou jurídicos para pessoas leigas, atualização de linguagem de textos clássicos mais antigos (MOSSOP, 2016);
- Acessibilidade linguística para trabalhadores adultos com escolaridade limitada e pouca experiência de leitura (FINATTO, 2020);
- um fenômeno recente e de interesse para a área de divulgação acadêmica que são os resumos leigos (*lay abstracts*) (DUBÉ; LAPANE, 2014) que estão se tornando cada vez mais presentes em várias publicações, principalmente no exterior;
- Adaptação, paráfrases, edições comentadas (SOUZA, 2018);
- Reescrita como autotradução (CANLI, 2018);
- Autorretradução (*self-retranslation*) (PENG, 2017);
- Legendas e *closed captions*, que tanto podem ser traduções intralinguais como transcrições (RIBAS, 2020);
- Revisão linguística (MOURA, 2015) e, alguns autores, consideram notas de rodapé e os glossários nesta categoria (GONÇALVES, 2013).

Destaco que mesmo nos Estudos da Tradução que compreendem as línguas vocais, é recorrente a afirmação de que a tradução intralingual é pouco pesquisada ou mesmo discutida ao longo da graduação (MENDES, 2009; SOUZA, 2018; TOVAR, 2020). Nos ETILS não é diferente e, em geral, não somos preparados para este tipo de atuação que é mencionada, quase que exclusivamente, como um contraponto às traduções interlinguais e intersemióticas, na classificação de Jakobson (1995).

Sendo assim, neste texto, compartilho as reflexões iniciais, de um projeto maior², no qual abordarei a tradução intralingual do português escrito executada por tradutores e intérpretes de línguas de sinais (Tils) ouvintes. Embora não seja a ênfase deste artigo, cabe destacar previamente que existe a atuação dos Tils surdos (ADAM et al., 2014; PINHEIRO, 2020; RODRIGUES; FERREIRA, 2019) traduzindo e interpretando intralinguisticamente, porém pela sua complexidade e especificidade, esta abordagem merece estudos aprofundados dedicados somente a esta temática.

² Pesquisa “A Tradução Intralingual nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais”, UFRGS.

Deste modo, este recorte tem como questão:

- Em que situações no âmbito profissional dos Tils é possível identificar a tradução intralingual na língua portuguesa escrita e como podemos iniciar uma reflexão sobre exercícios para preparar os futuros profissionais para este tipo de atuação?

Esta pesquisa visa contribuir com as investigações sobre a tradução intralingual incluindo as línguas de sinais, não somente nas questões de acessibilidade e direitos linguísticos, mas investigando como se processa nesta modalidade e incentivando um olhar mais atento às questões didáticas, auxiliando a repensarmos métodos e técnicas empregados no ensino da tradução.

Primeiramente, em “A tradução intralingual e seus desdobramentos”, procuro localizar os leitores sobre a sua definição tradicional e o desenvolvimento de novas possibilidades. Em “Os Tils e a tradução intralingual” procuro demonstrar situações em que este tipo de tradução ocorre em nossa profissão e suas relações com o conhecimento já estabelecido nos Estudos da Tradução. Na última seção, “Uma experiência que desencadeou a pesquisa”, relato os primeiros exercícios que apliquei especificamente pensando em desenvolver a consciência da tradução intralingual e sua importância.

1. A TRADUÇÃO INTRALINGUAL E SEUS DESDOBRAMENTOS

Antes de tudo, deve ficar declarado que reconheço a problemática do termo “tradução intralingual” e que ele pode remeter a uma concepção frouxa de que “tudo é tradução”. Assim como no caso da tradução intersemiótica, penso que uma releitura da terminologia utilizada nos Estudos da Tradução deveria ser feita neste momento em que vivemos rápidas e radicais mudanças em nossas formas de interação e “(...) como pesquisadora, me aproximo do pensamento de Stecconi (2004) quando este pondera que é necessário limitar o alcance do termo tradução e não o utilizar no lugar de semiose” (PEREIRA, 2021, p. 68). No entanto, uma incursão a uma investigação mais detalhada sobre os rótulos dados a este tipo de tradução ultrapassa o escopo deste artigo exploratório.

A classificação que Jakobson (1995) fez da tradução, nos três tipos prototípicos, interlingual, intralingual e intersemiótica, foi um marco e é referenciada seguidamente em obras dos Estudos da Tradução, mas não podemos negar que a sua apresentação foi insuficiente para dirimir as muitas questões que surgiram no

decorrer dos anos. Declarar que, a também chamada de reformulação (*rewording*), se dá quando signos verbais, em uma língua, são substituídos por outros signos verbais, da mesma língua, gerando várias outras questões que se prestam à discussão.

Inicialmente, podemos dizer, que a tradução interlingual trata-se de uma tradução intervareietal, que se dá entre diversas formas de variação que uma determinada língua pode ter. Não esquecendo que intitular uma língua é uma espécie de abstração, pois o que existe, de fato, são diversas variedades que, em seu conjunto, recebem a denominação de uma língua, pois

A palavra língua nos dá uma ilusão de uniformidade, de homogeneidade, que não corresponde aos fatos. Quando nos referimos ao português, ao francês, ao chinês, ao árabe etc., usamos um rótulo único para designar uma multiplicidade de modos de falar decorrente da multiplicidade das sociedades e das culturas em que as línguas são faladas. Cada um desses modos de falar recebe o nome de variedade linguística. Por isso, muitos autores definem língua como “um conjunto de variedades” e substituem a noção da língua como um sistema pela noção da língua como um polissistema, formado por essas múltiplas variedades (BAGNO, 2014, s/p).

Existem várias maneiras de pensarmos em como uma língua pode variar e não faz parte dos objetivos deste texto esgotar o estudo sobre as variações (ver BELINE, 2007), mas apresentarei brevemente um resumo para nos situarmos:

- variação histórica (diacrônica): constitui-se das modificações que sucedem em uma língua através dos tempos (ex.: português atual e antigo);
- variação geográfica (diatópica): as diferenças que ocorrem de um local para o outro, de acordo com os falares locais (ex.: Porto Alegre e Santana do Livramento), variantes regionais (ex.: Paraná e Pernambuco) e até intercontinentais (ex.: português brasileiro e português europeu);
- variação sociocultural (diastrática): são variações estabelecidas na convivência de diferentes grupos sociais em que existem fortes fatores de identificação (profissão, faixa etária...);
- variação estilística, contextual ou situacional (diafásica): são variações nos registros linguísticos que acontecem segundo o contexto comunicativo em seus diversos níveis de formalidade ou informalidade desencadeados por fatores como hierarquia, polidez (cortesia) etc.

Nesta perspectiva, seria viável concluir que todas as operações, feitas dentro de uma mesma língua, modificando um texto já existente, e suas diversas variedades,

gêneros e estilos poderiam, de certa forma, ser classificadas como traduções intralinguais: resumos, atualizações (chamadas também de “versões”), adaptações, entre outros.

Posso citar, como exemplo, várias versões da Bíblia no Brasil:

- Almeida: ACF (Almeida Corrigida Fiel), ARC (Almeida Revista e Corrigida), ARA (Almeida Revista e Atualizada), NAA (Nova Almeida Atualizada) e AEC (Almeida Edição Contemporânea);
- King James (KJ);
- Nova Versão Internacional (NVI);
- Nova Versão Transformadora (NVT);
- Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH).

Também existe a Bíblia para crianças, adolescentes, jovens, mulheres etc, e dentro de cada livro temos as paráfrases, notas de rodapé e outros formatos de tradução intralingual.

Seja na língua escrita ou falada, as variedades de uma língua relacionam-se constantemente umas com as outras, portanto infere-se que estamos rodeados por eventos de tradução intralingual sem, no mais das vezes, nos darmos conta deste fenômeno.

No caso das línguas de sinais, além da possibilidade de tradução entre as variedades já apresentadas, existe uma particularidade quanto ao uso da língua vocal, em sua modalidade escrita, pelas pessoas surdas e que é um traço bem distintivo a se considerar na tradução interlingual, como veremos na próxima seção.

2. OS TILS E A TRADUÇÃO INTRALINGUAL

No que concerne às línguas de sinais, existem algumas situações já observadas empiricamente, nas quais está presente, e de forma preponderante, a tradução intralingual, sendo que a mais saliente é quando tradutores e intérpretes de línguas de sinais (Tils) surdos traduzem, para pessoas também surdas, de variedades não padrão (sinais “caseiros” ou autóctones) para a(s) língua(s) de sinais reconhecidas como meio legal de comunicação e expressão, como a Libras, ou oficiais de uso mais geral do país ou região, e vice-versa.

No entanto, muitas vezes a realização de uma tradução intralingual por Tils ouvintes não é tão prontamente reconhecida como tal:

- Situação muito comum no contexto educacional é quando alunos surdos escrevem em LP e os professores ou não entendem ou ficam em dúvida sobre alguns aspectos. Nestes momentos, o que acontece é uma tradução intralingual (interpretação à vista intralingual?), ou seja, ler o texto escrito em LP, na variedade surda, e entregá-lo em PT falado, na variedade mais aproximada ao padrão.
- Uma derivação da forma anterior é quando recebemos um texto com português escrito por surdos para o português escrito padrão e procedemos a uma espécie de revisão do texto escrito que mescla atividades de revisão e de tradução intralingual.
- A preparação terminológica que acontece quando temos acesso antecipado aos textos a serem trabalhados e fazemos uma versão que compreendemos ser mais acessível ao público-alvo. Este tipo de preparação acontece com intérpretes de línguas vocais também mas, muitas vezes, antes de interpretarmos interlinguisticamente, traduzimos o texto previamente em uma forma de português mais fácil para ser acessada.

Percebe-se que nos dois primeiros exemplos, adiciona-se às variedades linguísticas já existentes na literatura sociolinguística tradicional, uma outra, pois alguns pesquisadores advogam a escrita em português, de pessoas surdas sinalizantes, como uma possível variante da LP (Ribeiro, 2012; Carneiro, 2018) pois, em geral,

(...) surdos apresentam uma forma específica de registro linguístico do português e trazem para o processo de escrita marcas peculiares [eventuais inversões sintáticas ou usos específicos de itens gramaticais, como preposições e conjunções, por exemplos], advindas tanto da sua língua sinalizada, quanto do seu padrão correspondente de processamento linguístico-cognitivo (RIBEIRO, 2012, p. 03)

Ribeiro (2012) defende enfaticamente considerar a escrita em língua portuguesa da maioria das pessoas surdas como uma variação, pois esta possui as marcas da escrita surda, a saber: 1) são um fenômeno universal; 2) são sistemáticas, não ocasionais; 3) são passíveis de serem regularizadas; 4) seguem “leis” linguísticas

fixadas no grupo pelo uso da língua visual; 5) não são generalizadas, mas específicas aos surdos; 6) atendem às necessidades de comunicação entre o grupo; 7) podem atender às necessidades de comunicação grupo/mundo e 9) determinam e especificam o grupo sociolinguisticamente. O que acontece, na maioria das vezes é que

(...) há um estigma em torno dessa variação da escrita, pois em sua maioria possui marcas da língua de sinais, marcas essas que se caracterizam por vezes pelas estruturas frasais invertidas, por verbos no infinitivo (não conjugados), pelas palavras com grafias incorretas, pela falta de conectivos, entre outros elementos textuais. Em suma, essa escrita da pessoa surda pode ser chamada de uma variedade estigmatizada (...) (SOLER, 2022, p. 90).

Portanto, temos que considerar que esta variedade surda determina uma especificidade muito ocorrente em nossa atuação profissional e, para a qual, ainda não há pesquisas voltadas para o seu estudo e aplicação didática na formação de futuros Tils. Talvez, ainda persista a concepção que "(...) entende o modo de escrever surdo como um espaço de transição, um hiato produzido por uma pseudo-escrita, até atingir a LP na sua variação normativa culta (SOLER, 2022, p. 52) e não como uma variedade que é persistentes, especialmente em pessoas surdas que acessaram o aprendizado da LP de forma tardia e, muitas vezes, não adaptada eficientemente.

3. UMA EXPERIÊNCIA QUE DESENCADEOU A PESQUISA

Nas primeiras incursões em exercitar a tradução intralingual, as atividades que propus foram bem intuitivas, confesso, mas sou partidária de que toda a prática seja um momento de pensarmos sobre as atividades que envolvam a tradução e o uso da língua, portanto procuro, sempre, provocar a conscientização de que teoria e prática interatuam. Os exercícios descritos aqui são apenas experiências iniciais com a meta de desencadear reflexões e são aplicados na disciplina de Fundamentos da Tradução e da Interpretação do curso de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na ênfase bacharelado tradutor e intérprete de Libras, como exemplificação da divisão tripartite de Jakobson (1995), na parte da intralingual.

Os Tils são frequentemente chamados a interpretar o hino nacional brasileiro³, portanto este é o primeiro exercício que propus, pois várias peculiaridades marcam a letra do hino: palavras pouco usadas ou até desconhecidas

³ O hino nacional brasileiro está disponível, na íntegra, em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm.

atualmente como plácidas, brado retumbante, fúlgidos, penhor, impávido colosso; ser um poema; possuir várias figuras de linguagem; a maioria de suas frases estarem em ordem sintaticamente inversa etc. O exercício era atualização do hino para uma linguagem atual mais padrão, seguindo o modelo apresentado por Russo & Pereira (2018).

Para fins de demonstração, apresento somente a parte I do hino, no Quadro 1, sem os dois refrões, por limitação de espaço.

| Estudante A | Estudante B |
|---|--|
| <p>Ouviram nas margens calmas do Ipiranga o grito alto de um povo heroico, E o sol no céu brilhou trazendo liberdade para pátria nesse instante Conseguimos garantir essa liberdade com braços fortes Lutamos até a morte por sua liberdade! Refrão 1. Brasil, um sonho intenso, um raio ardente De amor e de esperança, à terra desce Se em teu belo céu, risonho e claro a constelação Cruzeiro brilha É grande sua natureza És belo, és forte, tem grande coragem E o teu futuro espelha essa grandeza Refrão 2.</p> | <p>Das margens calmas do Ipiranga ouviram grito ecoante povo heroico, Nesse instante o sol trouxe liberdade em seus raios reluzentes No céu azul raiou o sol da liberdade, visto no horizonte do Brasil Conquistaram a igualdade com esforços numa luta grandiosa Sendo capazes de morrer por sua liberdade Desafiou a vida e morte Refrão 1. Brasil, um sonho realizado, como um raio intenso De Amor e de esperança, à terra desce Se em teu belo céu, risonho e puro A estrela brilhante do Cruzeiro luz que ilumina os brasileiros Trazendo esperança e amor Belo e grandioso pela própria natureza És belo, és forte, grandioso e corajoso E teu futuro reflete essa grandeza Refrão 2.</p> |

Quadro 1: Parte I do Hino Nacional, com tradução intralingual, por duas alunas (fonte: elaborado pela autora).

Com somente um exercício podemos trabalhar muitos aspectos do conhecimento linguístico dos alunos: como poemas podem ser estruturados; a evolução da língua através dos tempos; a conscientização de que, com alguma frequência, não refletimos previamente sobre textos conhecidos; vícios de linguagem (o pleonismo em “grito alto”); questões de interpretação de texto e de sintaxe, pois

quem realmente ouviu o grito? (“Ouviram nas margens calmas do Ipiranga o grito alto de um povo heroico” ou “Das margens calmas do Ipiranga ouviram grito ecoante povo heroico”); a readequação da pontuação, além da própria história do hino (PEREIRA, 1995). Este trabalho, inclusive, pode ser feito em uma perspectiva inter e até transdisciplinar.

Neste ponto a noção de leiturabilidade (*readability*) se torna necessária, pois é um conceito-chave ao pensarmos em tradução intralingual e suas diferentes denominações. Não confundir a leiturabilidade com a legibilidade, pois esta última se refere mais a fatores de tipo de letra e *layout* (DUBAY, 2004) e “(...) está na habilidade visual que um conjunto de caracteres possui de se distinguir internamente, ou seja, serem legíveis” (COSTA, 2017, p.25). Em termos muito simples “leiturabilidade é o que faz alguns textos mais fáceis de ler do que outros” (DUBAY, 2004, p. 03) e está relacionada à facilidade de compreensão por uma determinada classe de pessoas, de forma que o texto seja compreensível, lido a uma velocidade confortável e se torne interessante para este público. Então, para quem estamos interpretando? Esta variável deve ficar bem clara ao propormos as atividades.

No segundo exercício, que mais impactou a turma, procurei textos reais de crianças e adolescentes surdos (STREIECHEN; KRAUSE-LEMKE, 2014) e pedi para que os alunos fizessem uma tradução intralingual, de forma que os professores destas crianças pudessem entender e avaliar os textos.

A questão parece ultrapassar a simplificação, pois professores de alunos surdos não precisam que o texto escrito em português de surdos seja simplificado e sim complexificado, ou seja, que tenha leiturabilidade para eles. Neste sentido, o mais adequado seria pensar em uma acessibilidade ampliada, como anteviu Finatto (2022), no caso, com os artigos científicos, mas que pode ser aplicada a outros gêneros textuais:

Atualmente, a percepção de uma acessibilidade “ampliada” pode ser aplicada mesmo a artigos científicos que tratam de temas muito específicos ou especializados, publicados em revistas especializadas internacionais. Também esses textos precisam ultrapassar um direcionamento muito pontual e prever diferentes pontos de chegada. É o caso, por exemplo, nestes tempos de pandemia, de um artigo sobre doenças neurológicas e Covid-19 escrito por um biomédico, que precisará ser (bem) entendido por um historiador e que, em seguida, receberá uma “tradução simplificada”, feita por um jornalista. Essa é a versão do artigo científico “original” que veremos na TV, durante um programa de variedades e entretenimento, ou leremos em

um site especializado em notícias, mantido por um veículo de comunicação tradicional (FINATTO, 2022, p. 21).

Quando a ATT e os ETILS se entrelaçam, podemos perceber que não existe somente um direcionamento de simplificação, mas surpreendentemente também de complexificação, em um movimento de acessibilidade ampliada. Vejamos os exemplos, no Quadro 2, dos textos dos alunos surdos na coluna da esquerda, e as traduções intralinguais feitas por alguns alunos, na coluna da direita:

| Textos Digitados com Linhas Numeradas | Tradução Intralingual |
|--|---|
| <p>Excerto 1, produzido por criança surda, aos dez anos de idade, quando cursava a 4ª série:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Trabalho 2. Eu idade 17 trabalhar mecanico. 3. Eu trabalhar muito ganhar dinheiro. 4. Eu ter cor carro cinza. 5. Eu gosto muito menina bonita namorar. 6. Eu feliz ver banco praça sentar cansado. 7. Eu gosto muito beijar! Ter filho um nemina 8. Ter casa cor branca grande Estados Unidos. 9. Eu família praia linda grande mar azul. | <ol style="list-style-type: none"> 1. Trabalho 2. Minha idade é 17, eu trabalho como mecânico. 3. Eu trabalho muito para ganhar dinheiro. 4. Eu tenho um carro cinza. 5. Eu gosto muito de namorar menina bonita. 6. Eu fico feliz de ver o banco da praça para sentar pois estou cansado. 7. Eu gosto muito de beijar! Tenho um filho, é uma menina. 8. Tenho uma casa grande de cor branca nos Estados Unidos. 9. Eu e minha família fomos para uma praia linda e grande, mar azul. |
| <p>Excerto 2, produzido por criança surda, aos oito anos de idade, quando cursava a 2ª série:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Lúcio 2. O Lúcio tem cavalo, cachorro 3. O Lúcio é inteligente e gosta estudar. Ele meu 4. amigo muito Lúcio. 5. O Lúcio tem irmão Luis. Lúcio tem bebê 6. Manuele. 7. O Lúcio vem onibus. O lúcio tem papai, mamãe. | <ol style="list-style-type: none"> 1. Lúcio 2. O Lúcio tem cavalo e cachorro. 3. O Lúcio é inteligente e gosta de estudar. Ele é muito meu amigo. 4. 5. O Lúcio tem um irmão chamado Luis e uma irmã bebê chamada Manuele. 6. 7. O Lúcio vem de ônibus. O Lúcio tem papai e mamãe. |
| <p>Excerto 3, produzido por criança surda, aos doze anos, quando cursava a 6ª série:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A Lebre e a Tartaruga 2. Eu gosto Tartaruga anda devagar. 3. A Raposa "já" para a corrida. 4. A Lebre corre rápido. 5. A Lebre corre cansada, sol calor suada. Ela 6. árvore vê dorme. 7. Tartaruga suada vê Lebre dormindo. 8. Ela vai correndo sempre. 9. Tartaruga chegou ganhou 1º! 10. Animais (...) gritam, batem palma! 11. A Lebre acorda corre triste perdeu. | <ol style="list-style-type: none"> 1. A lebre e a tartaruga 2. Eu gosto da tartaruga, ela anda devagar. 3. A raposa disse "já" para a corrida começar. 4. A lebre corre rápido. 5. A lebre correu e ficou cansada, com calor e suada por causa do sol. Ela vê uma árvore e vai dormir. 6. 7. A tartaruga estava suada e viu a lebre dormindo. 8. Ela continua correndo sempre 9. Tartaruga chegou em 1º lugar e ganhou! 10. Os animais gritam e batem palmas! 11. A lebre acorda, corre e fica triste porque perdeu. |

Quadro 2: Exercício de tradução intralingual de textos de alunos surdos (fonte: elaborado pela autora, baseada em Streiechen; Krause-Lemke, 2014)

A reprodução da escrita, feita à mão, por crianças e adolescentes surdos, pode ser acessada no texto original de Streiechen & Krause-Lemke (2014), optei por deixar somente as colunas “Textos Digitados com Linhas Numeradas” e “Tradução Intralingual” por questões de espaço e legibilidade.

Como é possível perceber, os textos não são dos mais difíceis, mas apresentam características bem peculiares da variedade surda. Neste caso, podemos trabalhar, além dos fatores já mencionados quanto ao hino nacional, a faixa etária dos escritores; seu grau de escolarização e alfabetização, porque é interessante que este exercício seja repetido com outros textos pois, em minha experiência quando fui professora de crianças surdas e também Tils no ensino superior, me deparei com muitos níveis de escrita; quais são, na prática, as características de uma variedade surda e as várias traduções que podem ser feitas do mesmo texto. As alternativas para trabalhar a tradução com a conscientização de diversos tipos textuais é imensa.

Por ser esta uma vertente muito nova a ser efetivamente estudada, ainda estamos em uma fase muito incipiente quanto a elaborarmos exercícios que realmente atinjam o objetivo de desenvolver habilidades de tradução intralingual, mas não podemos esquecer de que

A atividade formativa sem conhecimento da organização cognitiva corre o risco de ficar à deriva e de fazer uso de exercícios de interpretação sem a devida base teórica, o que pode acarretar em alunos frustrados quanto ao seu rendimento dentro das formações e, muitas vezes, sem motivação para continuar os estudos (FONSECA, 2021, p. 17).

Exatamente por este cuidado, mais investigações devem ser dirigidas a esta temática, para que exercícios sem sentido, sem reflexão e sem retorno aos alunos sejam feitos e disseminados sem controle.

CONCLUSÃO

Por se tratar de um texto que apresenta uma primeira parte exploratória, obviamente que este encerramento abre mais questões do que as encerram.

Podemos, em termos de conclusões preliminares, afirmar que a tradução intralingual ainda é pouco explorada, não só nas línguas vocais, mas especialmente na formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais (Tils). É possível inferir que, em muitos casos, alguns exercícios intralinguais são executados, mas sem nem mesmo a intenção de que sejam pertencentes a esta categoria, mas sim como

atividades monolíngues para aperfeiçoar as habilidades em uma das línguas de trabalho.

A maior limitação encontrada, no contexto de uma pesquisa exploratória e que objetiva apresentar uma visão geral de uma nova perspectiva, é a lacuna em pesquisas prévias sobre o tema e, conseqüentemente, pouco material já existente para análise especialmente quanto às línguas de sinais. Também pela pesquisa estar em sua fase inicial, de levantamento de base teórica preexistente, ainda se encontra em uma etapa bastante incipiente. No entanto, já é possível divisar vários possíveis temas para pesquisas futuras:

- A tradução intralingual, executada por Tils ouvintes, dentro da Libras, e sua aceitabilidade pela comunidade surda, abordando questões comunitárias e sociais;
- Quais são, realmente, as habilidades a serem desenvolvidas para este tipo de tradução?
- Como são tratadas as variações linguísticas na tradução dentro da Libras? (CASTRO JÚNIOR, 2011; DIAS; BARROS, 2021);
- Expandir e relacionar os conceitos de acessibilidade textual e terminológica (ATT) (FINATTO; EVERS; STEFANI, 2016) e tradução especializada acessível (PARAGUASSU, 2018) para a tradução e interpretação de línguas de sinais;
- Aplicação dos estudos da legibilidade e leiturabilidade à tradução e interpretação de línguas de sinais em vídeo, entre outros.

As instituições dedicadas à formação de Tils têm o compromisso em produzir conhecimento atualizado e compartilhá-lo e, considerando isto, com esta investigação é possível evidenciarmos o quanto a tradução intralingual, e seus desdobramentos, estão presentes na atuação dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais (Tils), inclusive com a peculiaridade da variedade surda. Portanto, devemos pensar em sanar as lacunas que se apresentam na evidente carência de material para o ensino deste tipo de tradução e a necessidade de mais investigações para a elaboração de exercícios específicos para o desenvolvimento de suas habilidades necessárias.

Espero que, promovendo estas reflexões possamos futuramente colher frutos no conhecimento acadêmico, aprimoramento na didática, formação e atuação em nosso campo disciplinar, contribuindo com os Estudos da Tradução como um todo.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Robert et al. Deaf interpreters: An introduction. In: ADAM, Robert Adam et al. (Eds.). *Deaf interpreters at work: International insights*. Studies in Interpretation, v. 11. Washington DC: Gallaudet University Press, 2014. Disponível em: <https://gupress.gallaudet.edu/excerpts/DIAW.pdf>. Acesso em: 17 set. 2023.
- BAGNO, Marcos. Variação Linguística. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Orgs). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/variacao-linguistica>. Acesso em: 19 set. 2023.
- BELINE, Ronald. *A variação linguística*. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Lingüística*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2007.
- CANLI, Gülsüm. Relocating Self-Translation from the Interlingual to Intralingual: Faulkner as a Self-Translauthor. *Translogos Translation Studies Journal*, v. 1, n. 1, p. 41-63, 2018. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/606281>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- CARNEIRO, B. G. Emergência de um padrão surdo do português escrito. *Porto das Letras*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 119–132, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/3806>. Acesso em: 10 set. 2023.
- CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. *Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_Gl%C3%A1uciodeCastroJ%C3%BAnior.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.
- COSTA, Ricardo Jessé Santana da. *A influência da articulação tipográfica na legibilidade, leiturabilidade e usabilidade de um aplicativo de bulário: uma análise do aplicativo móvel MedSUS*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. Disponível em:

<http://www.tedebc.ufma.br:8080/jspui/bitstream/tede/1750/2/RicardoCosta.pdf>.

Acesso em: 29 set. 2023.

DIAS, Rayssa Araujo Naves; BARROS, Adriana Lúcia de Escobar Chaves de. Variação linguística na Libras. *Revista Philologus*, v. 27, n. 81 Supl., p. 2622-36, 2021.

Disponível em:

<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/download/1075/1190>.

Acesso em: 15 out. 2023.

DUBAY, W. H. *The Principles of Readability*. Costa Mesa, CA: Impact Information; 2004.

Disponível

em:

[http://www.impact-](http://www.impact-information.com/impactinfo/readability02.pdf)

[information.com/impactinfo/readability02.pdf](http://www.impact-information.com/impactinfo/readability02.pdf). Acesso em: 21 set. 2023.

DUBÉ, Catherine E.; LAPANE, Kate L. Lay Abstracts and Summaries: Writing Advice for Scientists. *Journal of Cancer Education*, v. 29, p. 577-579, 2014. Disponível em:

https://www.meakinsmcgill.com/wp-content/uploads/2016/06/LayAbstracts-and-SummariesDubLap_JCancEduc_2014.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

FINATTO, M. J. B.; EVERS, A.; STEFANI, M. Letramento científico e simplificação textual: o papel do tradutor no acesso ao conhecimento científico. *Letras*, Santa Maria, v. 26, n. 52, p. 135-158, jan./jun. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/25328>. Acesso em: 31 ago. 2023.

FINATTO, Maria José Bocorny. Acessibilidade textual e terminológica: promovendo a tradução intralinguística. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 49, n. 1, p. 72-96, 2020.

Disponível

em:

[https://revistas.gel.org.br/estudos-](https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/2775/1675)

[linguisticos/article/download/2775/1675](https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/2775/1675). Acesso em: 20 ago. 2023.

FINATTO, Maria José Bocorny. Acessibilidade textual e terminológica, o que é isso?

In: FINATTO, Maria José Bocorny; PARAGUASSU, Liana Braga (Orgs.). *Acessibilidade textual e terminológica*. Uberlândia: EDUFU, 2022. Disponível em:

https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35193/1/eClasse_Acessibilidade_Textual.pdf

FINATTO, Maria José Bocorny; PARAGUASSU, Liana Braga (Orgs.). *Acessibilidade textual e terminológica*. Uberlândia: EDUFU, 2022. Disponível em:

https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35193/1/eClasse_Acessibilidade_Textual.pdf

FONSECA, Sandro Rodrigues da. *Tarefas para o treinamento da memória de trabalho em tradutores e intérpretes de libras*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de

Letras, 2021. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/262405/001129853.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 27 set. 2023.

GONÇALVES, Davi Silva. Intralingual ou interlingual? Tradução comentada como desconstrução do regional. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 47, dezembro de 2013. p.39 – 54.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

MENDES, E. A. de M. *Processos de tradução intralingual*. [S.l.: s.n.], 2009, p. 1161-1170. Disponível em:

http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Eliana%20%20Amarante%20de%20Mendonça%20MENDES%20-%20ook.pdf. Acesso em: 17 set. 2023.

MOSSOP, Brian. ‘Intralingual translation’: A desirable concept? *Across Languages and Cultures*, v. 17, n. 1, p. 1-24, 2016. Disponível em:
<https://akjournals.com/view/journals/084/17/1/article-p1.xml>. Acesso em 20 set. 2023.

MOURA, Gehilde Reis Paula de. Revisão linguística: processo de tradução intralingual. *Educação & Tecnologia*, [S.l.], v. 19, n. 1, fev. 2015. Disponível em:
<https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/595>. Acesso em: 24 set. 2023.

PARAGUASSU, L. B. *Tradução especializada acessível (TEA): revisão do tema e proposta de disciplina para cursos de graduação em tradução*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193093/001091148.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PENG, Wenqing. Self-retranslation as intralingual translation: Two special cases in the English translations of San Guo Yan Yi. *Language and semiotic studies*, v. 3, n. 2, p. 110-127, 2017. Disponível em:
<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/lass-2017-030205/pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

PEREIRA, Avelino Romero Simões. Hino Nacional Brasileiro: que história é esta? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (38), 21-42, 1995. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/71352/74352/95464>. Acesso em: 11 out. 2023.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Tradução intersemiótica e a Libras. *Caleidoscópio: literatura e tradução*. [Brasília, DF]. Vol. 5, n. 1 (jun./dez. 2021), p. 60-80, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/caleidoscopio/article/view/36537/31676>.

Acesso em 14 out. 2023.

PINHEIRO, Kátia Lucy. *Políticas linguísticas e suas implementações nas instituições do Brasil: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de línguas de sinais*. 2020. 434 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216070/PGETo479-T.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 ago. 2023.

RIBEIRO, Maria Clara Marciel de Araújo. *A língua portuguesa produzida por surdos: indícios de variação linguística*. Uberlândia: EDUFU. 2012. Anais do SIELP, v. 2, n.1. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_210.pdf. Acesso em: 13 set. 2023.

RIBAS, Valentin. *La place du texte dans les vidéos d'information sur les réseaux sociaux, du sous-titrage au légendage*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação e da Comunicação), Sorbonne Université, 2020. Disponível em: <https://dumas.ccsd.cnrs.fr/dumas-03260304>. Acesso em: 15 set. 2023.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 11 set. 2023.

RODRIGUES, Carlos Henrique; FERREIRA, João Gabriel Duarte. Tradutores, Intérpretes e Guias-intérpretes Surdos: prática profissional e competência. *Revista Espaço*, 51, p. 109-125, 2019. (2020). Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1544/1498>. Acesso em 15 ago. 2023.

RUSSO, Angela.; PEREIRA, Maria Cristina Pires. *Tradução e interpretação de língua de sinais: técnicas e dinâmicas para cursos*. São Paulo: Cultura Surda, 2008.

SOLER, Priscila Silveira. *Relações entre línguas e a experiência do aprender surdo*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/16081/SOLER_Priscila_2022.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 set. 2023.

SOUZA, Maria Clara de Oliveira. *A edição comentada como modalidade de tradução intralingual e seu papel na formação de neoleitores*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/190054/001090541.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 set. 2023.

SOUZA, Saulo Xavier de. *Performances de Tradução para a Língua Brasileira de Sinais Observadas no Curso de Letras-Libras*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94642/285173.pdf?sequence=1><https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94642/285173.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 set. 2023.

STECCONI, Ubaldo. Interpretive semiotics and translation theory: The semiotic conditions to translation. *Semiotica*, 150, 1-4, p. 1-20, 2004. Disponível em: [https://www.academia.edu/9044120/Interpretive semiotics and translation theory The semiotic conditions to translation](https://www.academia.edu/9044120/Interpretive_semiotics_and_translation_theory_The_semiotic_conditions_to_translation). Acesso em 22 set. 2023.

STREIECHEN, Eliziane Manosso; KRAUSE-LEMKE, Cibele. Análise da produção escrita de surdos alfabetizados com proposta bilíngue: implicações para a prática pedagógica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, p. 957-986, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/qmLbFqKMTNf6DJ9rPG3jHXk/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2023.

TACHTIRIS, Corine. *Transcultural Manipulations: Translation Workshop syllabus*. HACU 241, 2014. Disponível em: https://hcommons.org/deposits/download/hc:25680/CONTENT/tachtiris_translation_workshop_syllabus.pdf/. Acesso em: 20 set. 2023.

TOVAR, Manuel Moreno. (A) bridging the Gap—A study of the norms and laws in the intralingual translation of the novel *And Then There Were None* by Agatha Christie. *Revista de Lenguas para Fines Específicos*, v. 26, n. 1, p. 51-68, 2020. Disponível em:

<https://ojsspdc.ulpgc.es/ojs/index.php/LFE/article/download/1234/1106>. Acesso em: 22 ago. 2023.